

Aventura da memória

O engenheiro Aleixo Belov prepara um museu, no Largo do Santo Antônio Além do Carmo, para reunir suas experiências nos oceanos

GILSON JORGE

Aleixo Belov começou a viajar pelo mundo aos sete meses de idade, não porque seus pais, um engenheiro agrônomo russo e uma dona de casa ucraniana, fossem aventureiros. Era 1943, Segunda Guerra Mundial, e a pequena cidade onde moravam, Merefa, no interior da Ucrânia, estava sendo devastada pelos nazistas. Depois de circular pela Europa em condições precárias, a família aportou no Brasil em 1949, quatro anos após o fim da guerra.

Aos 16 anos, o menino que não tinha, até então, uma relação particular com o mar ganhou um óculos de mergulho de um diplomata brasileiro amigo da família. "Aí, lenhou", descreve sucintamente Belov. A visão da vida submarina na Baía de Todos-os-Santos despertou no jovem imigrante um desejo imediato de se lançar pelo mundo afora.

Formado em engenharia pela Ufba, onde lecionaria depois, participou de três viagens marítimas em grupo até construir o seu próprio barco e viajar sozinho pelos mares da Terra. O barco, as 92 cartas náuticas "salgadas e sebosas", que usou ao longo das viagens, e outros apetrechos de navegação devem estar disponíveis para a visita ainda este ano.

Um casarão amarelo no Largo do Santo Antônio Além do Carmo está sendo restaurado e reformado para abrigar o Museu do Mar Aleixo Belov. O imóvel, adquirido junto à família Rique, terá 540 metros quadrados de exposição permanente, com destaque para o barco Felicidade, e 110 metros quadrados para exposições temporárias, além de uma cafeteria.

Coração

Em seu mais recente livro, *Alaska, muito além da linha do horizonte*, o engenheiro dos barcos escreveu que "viajar é jogar o coração lá na frente e ser obrigado a ir resgatá-lo". O museu, com a experiência de Belov à exposição, é uma forma de ajudar a colocar outros corações à deriva.

"Eu tive várias fases na vida. Primeiro, eu naveguei com os outros para aprender. Depois, eu dei três voltas ao mundo sozinho e um barco pequeno para consolidar o que eu tinha aprendido. Depois, quando ganhei mais um pouquinho de dinheiro, como fui muito feliz no mar, fiz um barco-escola", afirma o homem que se orgulha de ter oferecido a 56 jovens a oportunidade de viajar pelos oceanos, totalmente de graça.

De uns tempos para cá, sentiu que ia chegando o momento de aprofundar a transmissão de seu legado, eventualmente passar mais tempo longe dos negócios e ficar livre para uma nova jornada marítima, ainda sem roteiro definido.

Belov não sorri ao contar uma piada ou fazer um comentário supostamente jocoso, deixa a interpretação a cargo de seus interlocutores. Ao sugerir um canto da casa para fotografias, menciona um lugar onde os funcionários da construtora "fingem que estão trabalhando". Em silêncio, os operários hesitam se devem ou não permanecer no lugar para a fotografia.

Recentemente, quando o Iphan desautorizou sua pretensão de que o mastro do veleiro extrapolasse o teto do casarão, resignou-se a cortar o mastro ao meio, mas brincou que batizaria o café de veleiro sem



Após várias voltas ao mundo de barco, Belov concebeu o Museu do Mar, que será inaugurado ainda este ano

mastro. "Eu estava procurando um lugar e encontrei esse casarão. Achei que o Iphan permitiria fazer uma claraboia. Não permitiu e eu tive que cortar o mastro, mas não me arrependi. O casarão é muito bonito", afirma.

Estruturas

O velejador tem uma empresa especializada em engenharia portuária e subaquática, que participa da obra de reforma do restaurante do Museu de Arte Moderna, no Solar do União. Mas, para o seu empreendimento, ele contratou a Cosplan, empresa de engenharia de um ex-aluno seu, Maurício Pitangueiras.

"Minha empresa fez a estrutura metálica, mas o resto quem fez foi a Cosplan, eu não entendo de vidro, ar-condicionado, elevador, nada disso", justifica.

"A gente está misturando a arquitetura clássica do casarão com uma arquitetura moderna, está ficando muito interessante", afirma Alexandre Lira, engenheiro responsável pela obra.

Belov não abre as cifras de quanto está sendo investido no museu, mas menciona "muito dinheiro". Pelos seus cálculos, quando estiver em funcionamento, o museu vai ter uma despesa diária de cerca de R\$ 3 mil.

A entrada custaria em torno de R\$ 20, segundo estimativa inicial, o que demandaria um público médio de 150 visitantes por dia para pagar as contas. "Estou buscando apoio de empresas", declara.



Uendel Galter / Ag. A TARDE

No que estamos pensando

EMOÇÕES

Estamos no Janeiro Branco, mês de conscientização sobre saúde mental. Ansiedade, transtorno bipolar e síndrome do pânico são algumas das doenças mais comuns. Inclusive, o Brasil é o país com o maior número de pessoas ansiosas: 9,3% da população, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). E janeiro foi o mês escolhido porque, em termos simbólicos e culturais, as pessoas estão mais dispostas a pensar em suas vidas e emoções. Por isso, faço um convite: vamos refletir mais sobre como estamos vivendo?

EM CHAMAS

As cidades já passaram por várias situações ao longo da história, mas queimarem como o distrito de Centralia, na Pensilvânia (EUA), é uma raridade. Ela é inabitável devido a um incêndio incontrolável em uma mina de carvão. O incidente ocorreu há 58 anos e o fogo levará mais 250 anos para, finalmente, cessar.

ÁGUA DE MENINOS

Um lago formado à beira-mar na Cidade Baixa, próximo ao Colégio dos Órfãos de São Joaquim, era um local de diversão para crianças até o século 17, antes que a área fosse aterrada. Essa é a explicação encontrada por José Álvares do Amaral, no livro *Resumo Cronológico e Noticioso da Província da Bahia*, para que aquela parte da cidade ficasse conhecida como Água de Meninos. Em 1961, o cineasta Roberto Pires lançou *A Grande Feira*, filme ambientado no local sobre a ameaça de expulsão dos feirantes, por conta do interesse de uma imobiliária. Três anos depois, um incêndio destrói a feira, que é transferida de local e ganha o nome de Feira de São Joaquim. No disco *Louvação*, de 1967, Gilberto Gil fez uma canção chamada *Água de Meninos*, em que retrata o incêndio e o sofrimento dos feirantes.

COSMOS

Estou lendo o livro *Cosmos*, de Carl Sagan, e, para mim, cada nova página é uma descoberta. Mesmo que seja algo que todos nós já sabemos, ao ler a explicação de como alguém não-sei-quantos anos atrás conseguiu desvendar mistérios do universo apenas através da observação me deixa de queixo caído. Estou aberta para diálogos sobre a possibilidade de haver vida em Marte, sobre o ambiente inóspito de Vênus, as luas de Saturno... Enfim, leiam, mesmo achando que vão parar na segunda linha; vai valer a pena e, com certeza, você vai olhar para o céu de um jeito muito diferente.